

Tributo a José Calasans

desde o contato inicial, o que cativava no professor José Calasans era a fusão da cortesia – impecável – com a munificência da presença: o calor humano, o senso de humor, a afabilidade, a dicção claríssima acoplada à pachorra do discurso, a corpulência, e seus imensos olhos azuis.

Recebia em casa, no austero apartamento em que viveu os últimos decênios, onde as novidades da moda e as manias do consumismo jamais tiveram acolhida. A hospitalidade nunca seria poupada, e ao visitante, além de simpatia, era servido um suco de frutas ou um sorvete, acompanhado de uma fatia de bolo; no fim de semana, se à noitinha, as empadinhas de que o professor era guloso. Dona Lúcia, discretamente presente, cumprimentava o visitante, fazia um pouco de sala e se retirava. Partilhava das características do professor, compondo o quadro de um lar harmonioso.

Depois de muitos anos se passarem, ao visitante era dada a honra de ter seu nome bordado. Sim, dona Lúcia lhe pedia que apusesse sua assinatura numa toalha de mesa que – tarefa de Pénélope – passou a vida a preparar. Em seguida, recamava com

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO é professora de Teoria Literária da USP e autora de, entre outros, *Mitologia Rosiana* (Ática)

os sertões cem anos

meadas de cor e com capricho as letras ali gravadas. Essa obra, da qual não conheço similar, constitui um documento de vida, de amizade e de carinho.

À mão, numa estante giratória que facilitava o acesso pelos quatro lados e que me despertava tanta reverência quanta cobiça, mantinham-se os itens mais valiosos de sua canudiana. Livros, folhetos, fascículos, cartas dentro de pastas, comprovavam a familiaridade pela maneira como eram compulsados, a ilustrar passos dos assuntos tratados naquele momento. Os quais, se você por eles se interessasse, abriam as portas de todo um mundo. O professor não sonhava a ninguém seu tempo e seu saber, que era ilimitado. Se alguém quisesse trabalhar sobre Canudos e afins, não havia direção em que o professor não se desdobrasse para ajudar. Emprestava-lhe peças raras com o maior desprendimento. Dava outras de presente. Indicava em que bibliotecas públicas ou coleções privadas poderia encontrar o que procurava. Fornecia cópias de tudo o que precisasse. Apresentava-lhe, com o prestígio de seu nome que franqueava barreiras, as pessoas que lhe poderiam ser úteis. Dava-lhe sua escuta, entre todas preciosa. Finalmente, prestava-se à humilde faina, nem por isso menos exaustiva, de ler e corrigir seus trabalhos. Não há quem tenha privado do trato com o professor Calasans que dê testemunho diverso.



Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto

Tendo criado o Núcleo Sertão, no Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, para ali transferiu seu acervo, de cerca de quatro mil peças e valor inestimável, único no gênero, por ele reunido ao longo de toda uma vida de dedicação e pesquisa. Além de uma quantidade de obras de arte relacionadas a Canudos, com que era regularmente brindado. Isso se deu em 1983, mas desde então o professor não cessou de cumular de maravilhas

aquele centro, único em seu gênero, que passou a ser uma das mecas dos estudiosos, acorridos do país e do exterior.

Falava horas a fio sobre o assunto predileto. Impressionava que ombreasse com tanta intimidade figuras do passado há muito desaparecidas, mas que, evidentemente, continuavam a ocupar suas reflexões. Admirava com sinceridade essas pessoas, mesmo que a algumas fizesse restrições. Praticante precursor da história oral, exercia-a com escrúpulo e espírito científico. Para ele, essa disciplina não equivalia a um convite aberto à mera transcrição sem maiores cuidados, delegando à fonte aquilo que é responsabilidade do historiador: a garantia da fidedignidade da informação. Por isso, submetia o que ouvia ao cotejo entre várias versões, bem como a um critério de rigor baseado na verificação a cada passo nos documentos. Viria a identificar-se a tal ponto com o território que o ocupou a vida inteira que antes *personificava* aquela história oral, era *a voz* que sintetizava tudo o que era possível saber sobre Canudos e seus habitantes, dotando-os de presentificação e perenidade.

* * *

A sorte dos estudos sobre a Guerra de Canudos tem dependido em larga medida da pesquisa, achado e divulgação de novos documentos. E entre as muitas preciosidades que devemos a José Calasans, conta-se um manuscrito contendo sermões de Antônio Conselheiro, ora publicado por iniciativa de Fernando da Rocha Peres, diretor do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia (1).

O manuscrito estava em poder de José Calasans desde 1972, quando a família de Aloísio de Carvalho Filho, conhecido jornalista que foi diretor de *O Diário de Notícias*, senador e professor da Faculdade de Direito da Bahia, encontrou-o, por ocasião do inventário de seus bens, em Salvador. Por solicitação de Paulo Maciel dos Santos, de Recife, à irmã do falecido, vizinha de seu sogro na capital baiana, o exemplar acabou por ser entregue a quem mais fazia

jus, ou seja, a José Calasans (2), e é esse original que acaba de vir a público. O líder religioso dispunha de um secretário ou escriba, por nome Leão Silva ou Leão Ramos, originário da vizinha vila de Natuba (depois Soure) e guarda-livros da casa de comércio dos irmãos Vilanova em Canudos (3), que tomava ditado de suas cartas e ensinamentos. Atribuem-se a seu punho essas anotações.

Um quarto de século antes, Ataliba Nogueira publicara um outro livro de sermões de Antônio Conselheiro (4), que passara pelas mãos de Euclides da Cunha, precedido de uma exegese. A contribuição de Ataliba Nogueira é considerável, ainda mais pela chancela de sua autoridade enquanto católico praticante e versado em doutrina. E resultou em obliterar a partir daí a noção de um Antônio Conselheiro cismático – heterodoxo ou mesmo herético –, nada devendo estes sermões à ortodoxia eclesial. Acrescente-se que ali se ouve a voz de um sertanejo letrado, apesar de uma gramática por vezes claudicante, sabendo expressar-se e formular seus argumentos.

O volume, análogo a este que ora se publica, subverteu o que se julgava saber (5). Seu aparecimento em 1974 foi a primeira evidência de que eram equivocados os pareceres tanto dos contemporâneos quanto dos pósteros que a respeito tinham escrito.

Dos dois livros de sermões, um datado de 24 de maio de 1895 e o outro de 12 de janeiro de 1897, emerge o austero perfil de um asceta. Sabe-se que sua grei o identificava como o Bom Jesus Conselheiro. No entanto, nestes textos que, ao que tudo indica, emanam diretamente de sua pregação, nada há nesse sentido: o Conselheiro em nenhum momento se hipostasia em santo ou divindade. Aos dois manuscritos se apõem seu nome batismal completo – Antonio Vicente Mendes Maciel, filho que era de Vicente Maciel e neto de Antonio Maciel –, e o humilde epíteto, único que se arroga, de “o Peregrino”. Tampouco se faz passar por dom Sebastião, mesmo que as alusões sebastianistas sejam freqüentes nos folhetos encontrados no arraial e na poesia po-

1 Walnice Nogueira Galvão e Fernando da Rocha Peres (orgs.), *Breviário de Antônio Conselheiro*, Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, 2002.

2 José Calasans, “Canudos Não Euclidiano”, in *Cartografia de Canudos*, Conselho Estadual de Cultura, Salvador, 1997.

3 Idem, *Quase Biografias de Janguços*, Salvador, UFBA, 1986.

4 Ataliba Nogueira, *Antônio Conselheiro e Canudos*, São Paulo, Nacional, 1974.

5 F. Benjamin de Souza Netto, “Antônio Conselheiro e Canudos”, in *Simpósio*, nº 13, São Paulo, ago./1975; Duglas Teixeira Monteiro, “Um Confronto entre Canudos, Juazeiro e Contestado”, in *História da Civilização Brasileira*, t. 3, v. 2, São Paulo, Difel, 1978; José Luiz Fiorin, *A Ilusão da Liberdade Discursiva: Uma Análise das Prédicas de Antônio Conselheiro*, São Paulo, FFLCH-USP (policop.), 1980; idem, “O Discurso de Antônio Conselheiro”, *Religião e Sociedade*, n. 5, jun./1980; Alexandre Otten, *Só Deus é Grande – A Mensagem Religiosa de Antônio Conselheiro*, São Paulo, Loyola, 1992.

pular (6). E nem sequer ali se encontram as promessas extravagantes que lhe atribuíram e que garantiriam a ressurreição a quem por ele se imolasse.

* * *

Divergindo, por sua natureza, do material fornecido pelos dois manuscritos, outro eixo de investigação acarreta de modo similar sondagens da área por assim dizer *interna*. Nela se distinguiu igualmente José Calasans, a quem já devemos a descoberta de tantos documentos.

Coube a ele a pioneira e definitiva incursão realizada pela história oral, quando, ainda nos anos 50, cometeu a façanha de entrevistar sobreviventes da guerra. Mereceram suas atenções não só os circunstâncias anônimos mas figuras de prola, como por exemplo Pedrão – um dos cabecilhas e chefe de piquete no confronto bélico, membro da seleta dúzia que compunha a Guarda Católica, auxiliar direto de Antônio Conselheiro –, objeto de panegíricos a sua bravura em todos os testemunhos, sem exceção de Euclides da Cunha.

Escreveria inúmeros trabalhos sobre facetas mais obscuras do episódio, como os inícios da peregrinação do líder místico; a composição de seu séquito; as igrejas e cemitérios que edificou ou reparou; os caminhos que palmilhou; as trajetórias pessoais dos principais canudenses; a poesia popular que se originou dos eventos de Canudos; a etimologia da palavra jagunço, etc., etc., etc.

Como se sabe, após a degola dos prisioneiros válidos e a distribuição de mulheres e crianças que restavam, Canudos, arrasada pelo canhoneio e pelas chamas, esvaziou-se. Mas aos poucos alguns sobreviventes foram regressando e se reinstalando, mesmo que precariamente. Nos anos de 1930, os trabalhadores que labutavam na abertura da Estrada Transnordestina, cujo traçado por ali passava, foram-se assentando no local. Seguiu-se a construção do vasto açude de Cocorobó pela Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca – futuramente Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (IFOCS, depois DNOCS) –, quando o povoamento se intensificou graças às novas levas de mão-de-obra. Guardou-se por

6 José Calasans, *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, Bahia, Tipografia Beneditina, 1950; *ABC de Canudos*, Salvador, Cadernos Antonio Vianna, Comissão Baiana de Folclore, 1969; *A Guerra de Canudos na Poesia Popular*, Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, Reedições 1 – n. 14, 1989.



Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo

**General C.
Eugênio e seu
estado maior**

- 7 José Calasans, *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, op. cit.
- 8 Marco Antonio Villa e José Carlos da Costa Pinheiro (orgs.), *Calasans, um Depoimento para a História*, Salvador, Centro de Estudos Euclides da Cunha, Uneb, 1998.
- 9 Idem, *ibidem*.

Igreja do Bom Jesus (nova), Canudos

ali a lembrança de que teria sido Getúlio Vargas, visitando a região nos anos 40, quem prometera a providência tão necessária. A represa aproveitou a depressão constituída pelo desfiladeiro ou garganta quase inexpugnável – o passo de Cocorobó – onde um dos mais renhidos combates da campanha se travara.

Foi por ocasião do cinquentenário do fim da guerra, celebrado em 1947, que Odorico Tavares, jornalista pernambucano radicado na Bahia, publicou na revista *O Cruzeiro*, do Rio, uma matéria feita no local e ilustrada com fotos devidas a um jovem fotógrafo francês, Pierre Verger, ainda desconhecido à época. Conseguiu entrevistar antigos conselheiristas, como

Francisca Macambira, filha do importante chefe canudense Joaquim Macambira, Maria Avelina da Silva, Mariano, Francisca Guilhermina dos Santos, José Travessia, filho de um combatente que tombou ao lado de João Abade, Manuel Ciriaco, Francisco Cardoso de Macedo, Maria Guilhermina de Jesus, Idalina Maria da Conceição.

Nas pegadas de Odorico Tavares seguiria José Calasans, cuja atenção fora despertada pela reportagem. O historiador se especializava então em folclore e estava justamente terminando sua tese, intitulada *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro* (7), na qual recolheu e analisou uma farta safra temática. Calasans efetuará a partir de 1950 várias viagens à região, nas quais anotaria depoimentos (8), acrescentando aos que o jornalista tomara vários outros, entre eles os de Pedrão – privilegiado, por provir de um dos maiores –, de José Ciriaco, que tal como seu irmão Manuel Ciriaco fora combatente, de Ioiô da Professora e do filho do sineiro Timotinho. Este fazia soar as badaladas ao entardecer, sem falhar um dia, para escarmento das tropas, que o alvejavam em revide, até sineiro e sino perecerem quando o canhoneio derrubou a torre da Igreja Velha. Pedrão encontraria em Calasans, com quem conversou muitas vezes, um admirador, pois, apesar de entrevado e sem locomoção, continuava indômito, dizendo de si mesmo: “Faz pena um homem como eu morrer sentado...” (9).

Desse modo, José Calasans fincaria o padrão de um movimento renovador dos estudos sobre Canudos, procurando ventilar outros ângulos, que no processo tinham ficado obscurecidos pelo brilho de *Os Sertões*. Ao longo dos anos, como vimos, o próprio historiador foi publicando um sem-número de trabalhos, esclarecendo gradativamente vários pontos sobre os quais pouco se sabia. Dentre esses – não custa repetir – tudo aquilo que se refere à vida pregressa de Antônio Conselheiro; os anos de peregrinação e a constituição do séquito; seu papel como líder de mutirões para edificação ou reparação de igrejas, cemitérios e açudes; as histórias de vida das principais



Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto

personagens do arraial e da guerra; a ambi-
güidade da posição da Igreja, cuja tomada
de partido seria decisiva para a destruição
do arraial. Tudo isso – sem esquecer o pon-
to de origem que foi a prática antecipada da
história oral e do cotidiano, bem como o
realce devotado à crônica dos vencidos –
viria contribuir para aos poucos mudar o
caráter dos estudos.

Obsoletizou-se a hipótese de uma loucu-
ra coletiva que se apoderara de Antônio
Conselheiro e contagiara seus adeptos (10),
interpretação que predominara durante um
bom tempo mas acabou por cair em descré-
dito. O que ali ocorrera não era da ordem do
patológico, que implicaria deterioração da
vida da coletividade no arraial, mas ao con-
trário uma “desesperada tentativa no senti-
do de uma nova organização social” (11).
Clichês pejorativos como os de “fanáticos”
e “jagunços” tenderam a desaparecer.

As pesquisas passaram a se voltar para
fontes pouco exploradas, como as reporta-
gens feitas pelos enviados especiais ao palco
dos acontecimentos; o noticiário dos perí-
dicos; os livros escritos pelos participantes
da guerra, sobretudo combatentes; as or-
dens-do-dia e outros documentos milita-
res; os relatórios do governo estadual e fe-
deral; as atas parlamentares; as cartas tro-
cadas entre a Arquidiocese e os vigários
sertanejos; as prédicas do Conselheiro; os
arquivos militares locais, até então secre-
tos (12) – feito que devemos a Renato
Ferraz, quando capitaneava o novo Centro
de Estudos Euclides da Cunha, da Univer-
sidade Estadual da Bahia, criado em 1984;
a correspondência do barão de Jeremoabo;
e assim por diante.

A partir de 1969, terminada a barragem
e ante as águas que subiam, os moradores
foram obrigados a deixar Canudos, insta-
lando-se à margem do açude de Cocorobó,
num povoado que com o tempo adotaria o
nome de Nova Canudos. Em 25 de feverei-
ro de 1985, a Lei Estadual nº 4.404 criou o
município de Canudos, desmembrando-o
do antigo Cumbe (hoje Euclides da Cunha).
E em 30 de junho de 1986 instaurou-se pelo
Decreto 33.333 o Parque Estadual de Ca-
nudos, gerido conjuntamente por aquela

universidade e pela Secretaria de Educa-
ção e Cultura. Compreendendo várias ins-
tituições e recursos, o parque deverá contar
com um museu, um laboratório de arqueo-
logia, uma estação de agronomia e outra de
meteorologia, tudo isso convergindo para
o objetivo de preservar a área do ponto de
vista ecológico, arqueológico, científico,
histórico e educacional (13).

Várias campanhas de escavações pro-
cederam à prospecção e levantamento de
trincheiras, fortificações, cemitérios, ma-
terial bélico, ossadas, utensílios e restos do-
mésticos, operando o resgate da Fazenda
Velha e da Igreja Velha, submetidas a me-
dições e fotos. Esperam-se dessa nova frente
de pesquisa aberta pela arqueologia ainda
muitas outras revelações.

Toda essa renovação muito deve à lide-
rança de José Calasans, cuja ação pessoal
alçou tais estudos a um patamar jamais
anteriormente atingido. Oriundo de Ser-
gipe, José Calasans foi professor de Histó-
ria na Universidade Federal da Bahia, onde
ocupou cargos como o de diretor da Facul-
dade de Filosofia e o de vice-reitor; mais
tarde seria professor emérito. Muitas vezes
condecorado, prestou variados serviços à
causa da educação e da cultura, sendo inú-
meras as instituições que apelaram para seus
préstimos, entre elas a Academia de Letras
da Bahia, de que foi presidente, assim como
o foi de seu Conselho Estadual de Cultura.
Em 1976 recebeu o grau de Comendador
da Ordem do Mérito da Bahia, concedido
pelo governador do Estado, seu Grão-Mes-
tre. Em 1999 a Assembléia Legislativa
conferiu-lhe o título de Cidadão Baiano. E
quando esta mesma *Revista USP* decidiu
publicar, em 1994, um Dossiê Canudos para
celebrar a fundação do arraial cem anos
antes, solicitando sua colaboração, com o
maior desprendimento orientou e forneceu
trabalhos seus, bem como preciosa docu-
mentação, tornando esse número um item
bibliográfico (14). Sua generosidade se apli-
cava em aceitar a presidência de toda inicia-
tiva que lhe rogasse o prestígio do nome,
tendo sido a última delas justamente a da
Comissão do Centenário de Canudos, que
se comemorou em 1997.

10 Nina Rodrigues, *A Loucura Epidêmica de Canudos – Antônio Conselheiro e os Jagunços*, Rio de Janeiro, Revista Brasileira, 1897.

11 Antonio Candido, “Euclides da Cunha Sociólogo”, in *Remate de Males*, Antonio Candido – Número Especial, Campinas, Unicamp, 1999. (Republicação de *O Estado de S. Paulo*, 13/dez./1952.)

12 *Índice Remissivo – Documentação Histórica sobre Canudos*, Bahia, Centro de Estudos Euclides da Cunha, Uneb, 1996.

13 Edivaldo M. Boaventura, “Parque Estadual de Canudos: criação e evolução”, *Revista Canudos*, Ano 1, No. 1, Centro de Estudos Euclides da Cunha, Uneb, dezembro de 1996.

14 *Revista USP – Dossiê Canudos*, nº 20, dez.-jan.-fev./1993-94.